

**- OSORIO 200 ANOS -**  
**“É fácil a missão de comandar homens livres:  
basta mostrar-lhes o caminho do dever”**

*Passo da Pátria, 15 de abril de 1866.*

*Tenente-Coronel Hélio Fernando Rosa de Araújo(\*)*

*(Trabalho classificado em primeiro lugar no V Concurso Literário da ECEME,  
instituído em 2008, sobre o Bicentenário do Mal Osorio).*

O bicentenário de nascimento do ínclito Marechal Manuel Luís Osorio, ocorrido no ano de 2008, além de permitir o repasse dos aspectos de maior relevância da História política e militar do BRASIL, cria excepcional oportunidade para profunda reflexão sobre a contribuição ofertada às gerações atuais por esse destacado “Soldado da Pátria”, especialmente hoje quando o ofício das armas, mais do que nunca, necessita de amparo no estoicismo cívico-militar, no desapego material e na lucidez objetiva que identifica o cidadão com os desígnios do Estado.

A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, marcou o início de uma fase de desenvolvimento institucional no País, que, àquela época, ainda se constituía colônia de Portugal.

Naquele mesmo ano, em meio aos avanços político-econômicos trazidos pela Corte portuguesa, nascia, em 10 de maio, na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, no Rio Grande do Sul, aquele que seria, de modo *sui generis*, o símbolo do arrojo, da argúcia, da sagacidade, da audácia, da agilidade e da bravura – Manuel Luís Osorio.

Nascido no meio de um povo acostumado com a luta e descendente de uma família de imigrantes açorianos, encontrou em seu pai – Manuel Luís da Silva Borges, destacado e experimentado homem da guerra – inspiração para o ofício das armas, tendo assentado praça na Cavalaria da Legião de São Paulo, em 1823, recebendo seu batismo de fogo em solo cisplatino, às margens do Arroio Miguelete.

Em Sarandi, no ano de 1825, por ter se distinguido por bravura na preservação da vida de seu comandante – Bento Manoel –, recebeu dele a lança de combate, hoje empunhada pelos dignos comandantes do redivivo Regimento Osorio, em Porto Alegre.

Liderança, carisma, tirocínio, valentia e ação de comando são alguns dos atributos de sua personalidade que sobressaíram durante a renhida e polêmica refrega do Passo do Rosário, na qual comandou a única fração de tropa brasileira que se manteve intacta.

Homem simples no trato pessoal e dotado de empatia e espírito agregador, não lhe era difícil estabelecer e cultivar amizades. Desse modo, granjeou a admiração e respeito de seu padrinho de casamento, Emílio Mallet, que havia assistido o enlace do então Tenente Osório com D. Francisca Fagundes, na Vila de Bagé, no Rio Grande do Sul, no ano de 1835.

Naquele mesmo ano, eclodiu a mais longa luta já travada em território sul-americano: a Revolução Farroupilha.

Mesmo cortejado pela causa dos farrapos<sup>1</sup>, manteve sua fidelidade ao Império, cujo trono era ocupado por Pedro II, um monarca ainda imberbe. Na peleja sulina, galgou os postos de Capitão, Major e Tenente-Coronel, sempre por indiscutível bravura.

Angariou prestígio durante o combate sulino, e cativara a confiança e o respeito de CAXIAS, que futuramente lhe atribuiria complexas incumbências relativas aos negócios da Guerra.

Mas, o destino lhe reservava ainda muitos entreveros. Em 1851, é enviado a Montevideu e, dali, dirige-se aos subúrbios portenhos, onde toma parte na Batalha de Monte Caseros, notabilizando-se como Comandante e tornando-se o próprio “símbolo da vitória”.

Foi a ocasião em que o Conde de CAXIAS, na condição de Comandante-em-Chefe do Exército Imperial, lhe rendera sincera homenagem, usando da linguagem gaudéria para saudá-lo, como se segue: “**OSORIO, é o maior guasca da Província que mais naipes ganhou e louros colheu na Batalha de Monte Caseros**”. O experiente guerreiro fora, então, promovido a Coronel.

Naqueles tempos, sendo um dos mais destacados “Capitães da Guerra” no Império, recebeu a incumbência de comandar a fronteira de São Borja, tendo sido promovido a Brigadeiro-graduado, em 1856, período em que o monarca brasileiro lhe conferiu o título nobiliárquico de Marquês do Herval.

Como poucos, soube unir nobreza e simplicidade, sem vulgarizar posturas e os cargos que ocupou. Sintetizou sua visão de vida no aforismo “**é na simplicidade que está a verdadeira grandeza**”.

---

<sup>1</sup> AMORIM, Paulo Dartanham Marques de, in TAMANDARÉ, CAXIAS E OSORIO. Inicialmente, Osório fora arregimentado pelos farrapos, mas soube decidir, acima das paixões, escolhendo defender a causa do Império.

A instabilidade política no contexto sul-americano daqueles dias, traduzida pela relação ruidosa entre países, resultou na Campanha da Tríplice Aliança, envolvendo Argentina, Brasil e Uruguai, contra Solano Lopez. Era o ano de 1865, e o Brigadeiro Osório, “*a espada liberal do Império,*” assumiu o 1º Corpo de Exército Imperial, cujo Quartel General estava em Paissandu, no URUGUAI.

Fruto de uma bem sucedida coordenação com o Almirante Tamandaré, naquilo que pode ser considerado como uma das gêneses das Operações Conjuntas, na noite de 16 de abril de 1866, à frente de dez mil homens, o Marechal-de-Campo Osório, após o êxito da travessia sobre o rio Paraná, constituiu-se no primeiro audaz cavaleiro a pisar o solo paraguaio, numa extraordinária demonstração de arrojo e de coragem físicos.

Na véspera da execução desse memorável evento, Osório expediu a Ordem do Dia que, dentre muitas advertências e palavras de ânimo a seus subordinados, insculpiu a frase-síntese “*É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever*”. Aqui, o Marquês do Herval destaca a sublime e profunda relação que há entre “comandar” e “obedecer”, salientando que estes verbos estão condicionadas à existência do fator **liberdade**, sem o que ninguém comanda, e muito menos haverá quem queira obedecer! É a **liberdade**, segundo Osório, o apanágio da vida!

A espada invicta de um dos baluartes do Império cobriu-se de glórias em terras paraguaias, numa sequência espetacular de vitórias em *Estero Belaco (Maio 66)*, *Tuiuti (Maio 66)*, *Humaitá (Jul 67)*, *Avai (Dez 67)*, *Cordilheiras (Mar 68)* e *Peribebuí (Ago 68)*.

A violência do choque; a velocidade das cargas; o chão que treme; a contundência do fogo; a mistura do fio da espada e sangue; a carne dilacerada pela lança; o fosso e o acúmulo sucessivo de homens e cavalos; e o odor da pólvora compõem um conjunto que permite visualizar Tuiuti, como aquela que foi a maior batalha campal ocorrida em terras sul-americanas e na qual se deu o ápice da trajetória cívico-militar desse “Soldado”, que proferira que “*a guerra não se faz com ofício, consultas e dúvidas...*” e que “*a glória é a mais preciosa recompensa dos bravos*” (Ordem do Dia nº 56, em Tuiuti).

Assim, Osório escrevera, definitivamente, seu nome no panteão da Pátria, ratificando seu conceito de “Comandante de Batalha”, portador de “espada nunca vencida”.

Mas foi em Avaí que um balaço retirou, temporariamente, o “Centauro dos Pampas” do combate, por ter sido atingido no maxilar. Mais tarde, esse ferimento viria a ter influência em seu processo de morte. Era digno no combate e na dor!

Além de hábil no manejo da lança e da espada, Osorio foi também político, tendo sido nomeado Senador do Império, pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, por meio de Decreto da Princesa ISABEL, em 1877, ano em que também lhe foi outorgada a patente de Marechal-de-Exército Graduado.

De tendência liberal, primava pelo comportamento virtuoso diante de opositores políticos. Era o que se pode traduzir como a simbiose perfeita entre o Soldado e o Político. Jamais confundiu a autonomia política de que dispunha com a elegante postura de Chefe Militar honrado que sempre preservou, em virtude de seu acurado senso de ética e de respeito. É sua a expressão, em discurso no Senado, na qual lança luz, talvez, para os dias atuais, dizendo que “*a farda não abafa o cidadão no peito do soldado*”.

O General Olyntho Pillar o reconhece como “*Amante da lei, respeitador da autoridade civil, sua espada invicta jamais fora desembainhada senão na defesa do sagrado dever*”.

Sua derradeira missão pela Pátria foi exercer o cargo de Ministro da Guerra. Ali priorizou o apoio à construção de ferrovias, com vistas a permitir o apoio cerrado às operações de defesa do território, sobretudo no sul do Brasil.

Conhecer Osorio é perpassar parte da História do Brasil e suas relações conflituosas com os países da região do Prata. O edifício da nacionalidade foi construído a cavalo e de espada e lança em punho, sob os auspícios de homens como o Marechal Osorio.

A sociedade brasileira, em reconhecimento aos feitos, lhe concedeu a espada de Oficial General que, junto a CAXIAS, soube honrar no Parlamento ou no campo de batalha.

Sua conduta cooperou para que o Exército Brasileiro tivesse a respeitabilidade que ainda possui, independentemente dos matizes político-ideológicos variados.

No BRASIL e no mundo, seu nome impõe reverência, além do consenso no reconhecimento de sua importância na formação de uma imagem já consagrada, que destaca o homem brasileiro como um dos melhores combatentes do mundo.

Hoje, defender a Amazônia e suas riquezas, a soberania e a integridade nacionais é, no mínimo, dar prosseguimento ao que iniciou o insigne Marechal Osorio no século XIX, e o fez por cerca de sete décadas, mostrando com sua própria vida que viver com

propósitos é lutar pela **liberdade**; a mesma que garante a homens livres ordenar e cumprir os imperativos legais que respaldam o Estado Democrático de Direito.

Dentre os poucos vocábulos soltos que balbuciou antes de morrer, o hoje Patrono da Cavalaria do Exército Brasileiro, destacam-se “*águas abaixo... para a eternidade... tranqüilo... independente... Pátria... sacrifício... quem escreve, deve fazê-lo pela Pátria*”.

---

*(\*)O autor é oficial da Arma de Artilharia do Exército Brasileiro pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).*